



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

THESSA TAYNÁ DE PAULA

(Entrevista)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-828

Entrevistada: Thessa Tayná de Paula

Nascimento: 25/07/1987

Local da entrevista: Porto Alegre - RS

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 05/12/2017

Transcrição: Wilian Antiqueira da Luz

Copidesque: Greyce Débora Caetano Barros

Pesquisa: Greyce Débora Caetano Barros e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 03 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no futebol; Relação familiar e o futebol; Escolinha de futebol; Clubes nos quais atuou; Equipe da Marinha do Brasil; Títulos mundiais; Jogos Mundiais Militares; Lesões; Seleção Brasileira Sub-20; Sport Club Internacional; Dificuldades para viver do futebol.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2017. Entrevista com Thessa Tayná de Paula a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias.

S.R. - Thessa, primeiro muito obrigada por estar concedendo um pouco do teu tempo para nos ceder essa entrevista. E eu queria começar perguntando como é que o futebol chegou na tua vida? Quando tu começou a jogar futebol?

T.P. - Eu comecei a jogar brincando na rua [risos]. Meu pai sempre foi fanático por esportes, por futebol, e eu adorava bater bola com a criançada ali. Eu era a menina no meio dos meninos que chutava canela, que... Eles nunca queriam, não é? [risos] Mas eu estava lá no meio. E eu sabia que o jogo de alguma forma, o esporte estava comigo e eu não sabia que seria o futebol, mas eu sempre pratiquei bastante esporte e acabou que no meio do caminho foi acontecendo.

S.R. - E como foi a reação dos teus pais, dos teus familiares quando tu optou por jogar futebol?

T.P. - A melhor possível. Meu pai ficou radiante porque o sonho dele sempre foi ser jogador e meu pai falava: “Quer que eu te coloque em uma escolinha?”, “Quer que não sei o que...”. Ele sempre foi o maior incentivador, ele e minha avó. Minha avó paterna, como teve o sonho dele de ser jogador e ele não foi, aí ela falava: “Põe, põe ela na escolinha, vamos! E não sei o que...” [risos]. Eu falava: “Não, deixa eu continuar brincando e tal...” Mas acabou que as coisas foram acontecendo naturalmente, brincando um dia em um centro esportivo lá da minha cidade, um professor me viu: “Moça, não quer jogar no meu time?” Aí eu olhei para cara dele e falei: “Credo, louco, né? Quero não” [risos], nem te conheço, não sei nem da onde você veio”. Aí acabou que no outro ano, no mesmo centro esportivo teve um... Abriam as portas para o futebol feminino, então tinha o horário de uma horinha assim, vamos supor, das três às quatro, para o futebol feminino e eu falei: “É aí. Eu vou!” E era o professor.

S.R. - É mesmo? [risos].

T.P. - É, e era o professor que tinha me chamado um ano antes para jogar para ele. Aí que minha história começou.

S.R. - E tu lembra quantos anos tu tinha?

T.P. - Eu tinha 10 para 11 anos.

S.R. - E era escolinha?

T.P. - Era escolinha.

S.R. - Somente para meninas?

T.P. - Só.

S.R. - *Bah*¹, que legal.

T.P. - Porque ele já tinha... Eles tinham um time já na cidade, que era a seleção de Jundiaí² que eles chamavam, que eles pegam algumas meninas de uns clubes que tinham lá da cidade e começaram a abrir nos centros esportivos, então foi aí que eu entrei.

S.R. - Tu é de Jundiaí?

T.P. - Sou. Sou de Jundiaí, São Paulo. Eu treinava das três as quatro, aí das quatro as cinco elas treinavam a seleção da cidade e eu ficava lá assistindo vidrada nelas.

S.R. - E tu começou nessa escolinha e depois dessa escolinha teve alguma abordagem de algum clube? Qual clube tu iniciou?

T.P. - O próprio professor da escolinha me levou para o clube dele, que ele dava treino já na cidade, aí tinha campeonatos da liga da região e tal, e eu comecei a partir daí. Eu

¹ Expressão regional do Estado do Rio Grande do Sul.

² Município do Estado de São Paulo.

sempre era a mais novinha no meio das mais velhas lá, aí eu comecei um campeonato e outro e foi indo, foi indo. Lá na cidade eu fiquei... Que daí era da escolinha de um clube da cidade, a gente virou a seleção de Jundiaí, era o Clube Paulista³. Daí começou a disputar campeonatos no campo também, saiu do salão e foi para o campo e jogava Regionais, jogava Jogos Abertos...

S.R. - Salão e campo?

T.P. - Sim, salão e campo.

S.R. - E como é que se deu a tua entrada para a equipe da Marinha do Brasil?

T.P. - Ah, a Marinha foi bem depois. Eu cheguei na Marinha eu tinha 21 anos já. Eu jogava no Saad⁴, a gente tinha sido campeã da Copa do Brasil em 2007 e em 2008 a gente disputou de novo e ficou entre as quatro melhores do Brasil. E aí o nosso coordenador tinha esse acesso, que teria a abertura das meninas para o futebol na Marinha e tal, que iria jogar um campeonato militar, que seria em 2011 Eu entrei em 2009, que o campeonato seria em 2011 e eles já estavam fazendo o processo seletivo para que... Porque era como se fosse umas Olimpíadas aqui no Brasil, eu não sei se vocês ouviram falar, os Jogos da Paz⁵ que teve...

S.R. - Sim, sim!

T.P. - Então, a partir daí eu fiz todo o trâmite que tem que fazer para entrar na Marinha, e eu fiquei quatro anos lá, de 2009 a 2013, comecei de 2013.

S.R. - E tu participou destes Jogos da Paz?

T.P. - Dispentei. Dispentei os Jogos da Paz aqui no Brasil.

S.R. - Como é essa estrutura militar e ao mesmo tempo internacional?

³ Tênis Clube Paulista.

⁴ Saad Esporte Clube.

T.P. - Na Marinha a gente tinha todo o processo militar mesmo. Quando a gente entra, você tem toda aquela estrutura de ser militar, então você aprende tudo, tudo, tudo, tudo. Acordar às cinco horas da manhã mesmo, ter as aulas... O pior de ser atleta é que, além das aulas como militar, você tinha que treinar, então ficou muito pesado, mas ao mesmo tempo, depois que você passa aquilo tudo você fala: “Nossa, que experiência maravilhosa!” Porque é um aprendizado mesmo de disciplina, tipo horário, tudo, tudo, tudo, respeito, hierarquia, então assim, para mim eu levo para o resto da vida, tudo o que eu passei nesse momento. Eles falavam: “Quem não aguentar, pede para sair!” [risos]. Era literalmente isso. “Qual o seu nome? Seu número? Qual seu nome?” [risos] Era assim mesmo...

S.R. - Jura?

T.P. - Juro! “Qual seu nome? Seu Número?”, lembro disso até hoje.

S.R. - E como foram esses Mundiais?

T.P. - O primeiro foi na França, foi em 2010, aí foi uma emoção, foi aquela coisa de você querer vestir a amarelinha, não importa da onde seja, se é militar, se é CBF⁶, o que seja, porque você tá representando seu país. Então na hora que você vê a sua bandeira hasteada, a hora que você vê seu hino tocando, pois a gente foi campeã lá, então assim, na hora que começa tudo você não aguenta, você chora mesmo, você fala: “Meu Deus! Olha onde eu estou!” Eu me emociono de falar porque, eu acho que a seleção é um ponto auge de qualquer menina, todo mundo gostaria de vestir uma camisa de seleção. Hoje em dia não é tanto assim, a gente sabe disso, porque a gente sabe que tem várias coisas acontecendo, mas você quando veste, você sabe que é num todo, então você quer disputar umas Olimpíadas⁷. Eu acho que ninguém entra no esporte só por entrar, então quando você está ali representando um todo, uma nação mesmo, não tem como. Você desaba na hora que você ouve o seu hino no topo do pódio.

⁵ Jogos Mundiais Militares.

⁶ Confederação Brasileira de Futebol

S.R. - E vocês ganharam na França e outro foi?

T.P. - Na Alemanha. A gente também foi campeã na Alemanha. Mas aí já era um pouquinho mais cômodo, porque a gente foi campeã na França, campeã no Brasil em 2011, e depois a gente foi para Alemanha. Então assim, foi um atrás do outro...

S.R. - Então tu é tri campeã Mundial dos Jogos Militares?

T.P. - É, exato. Graças a Deus.

S.R. - Era anual?

T.P. - Na época era. Aí começaram a reduzir porque vários países começaram a não ir todos os anos, até porque o Brasil começou a despontar [risos]...

S.R. - Pensa: “Eu vou ir lá para perder para o Brasil de novo!” [risos]

T.P. - É, mas começaram também a abrir portas para o futebol feminino dentro das áreas militares dos outros países também. Tipo, na Alemanha, na França... A própria Alemanha já tinha atletas que jogavam em clubes lá, dentro da área militar. A gente trouxe uma coisa pros outros países que eles não tinham, entendeu, foi bem legal.

S.R. - Thessa, só voltando um pouquinho, tu comentou que estava no Saad antes da Marinha. E o Saad é uma referência no futebol feminino. Como é que tu chegou no Saad, como é que foi essa passagem pelo Saad?

T.P. - Então, eu comecei como eu falei em Jundiaí, e eu fiquei em Jundiaí até os meus 18 anos. Tipo, minha mãe não me deixou ir para lugar nenhum enquanto eu não terminasse meu colégio e sou grata a ela até hoje. Quando eu saí de casa, eu nunca pensava em ser jogadora de futebol. Eu achava que o futebol ia me dar meus estudos e... Que nem é nos

⁷ Jogos Olímpicos.

Estados Unidos, que você estuda para jogar bola, então assim, eu imaginava isso para mim quando eu saí de casa. E eu fui para Jaguariúna⁸, aí eu fiquei lá estudando e...

S.R. - Desculpa minha ignorância, Jaguariúna fica onde?

T.P. - Jaguariúna fica próximo de Jundiá mesmo, é depois de Campinas⁹. Ali tinha um time chamado Motorola¹⁰ na época. Ficou vários anos ainda jogando lá. Hoje se eu não me engano, eles foram Ponte Preta¹¹ há uns dois anos atrás, uns dois anos atrás eles foram Ponte Preta e tinham vínculo com a cidade, tinha vinculo com a Faculdade de Jaguariúna¹². Quando eu fui para lá, eu fui para estudar, aí eu fiquei dois anos lá. E um ano antes de eu sair, eu tinha sido convocada para o Sub-20¹³...

S.R. - *Bah*, que show! Essa eu não sabia.

T.P. - É, fui convocada para a Sub-20. Tive o azar de, em um jogo do clube, eu subi para cabecear e na hora que eu apoiei o pé no chão, eu torci. Aí eu falei: “Não, dá para continuar aqui um pouquinho até alguém aquecer?” Para eu sair porque eu sabia que eu me apresentaria no outro dia. Isso foi em um domingo, eu me apresentaria na segunda. E aí uma bola nas costas da minha lateral, eu como uma boa volante, fui fazer a cobertura, dei um carrinho, meu tornozelo ficou, aí ficou um “pão” enorme assim o pé. Aí eu cheguei na seleção, fui ainda, mas eu fiquei só tratando, não tive possibilidade de treinar, de mostrar, de nada assim. Acho que foi uma das partes mais tristes do meu futebol até hoje assim que eu fiquei: “Putz, e agora? O que eu faço da vida?” Isso foi bem marcante para mim. Aí continuei em Jaguariúna, só que daí eu queria mais, daí você fala: “Putz, dá... Eu quero mais!”. Aí perto de Jaguariúna tinha Águas de Lindóia¹⁴, que é onde o Saad ficava. Então eu falei: “Vou fazer um teste lá!” E fui, ele gostou de mim, falou: “Não, fica aí!” E eu falei: “Tudo bem!”. Aí eu ia todo o dia para a faculdade de manhã, quarenta minutos indo e voltando porque eu estudava ainda em Jaguariúna e morava em Águas de Lindóia, então ia

⁸ Município do Estado de São Paulo.

⁹ Município do Estado de São Paulo.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Associação Atlética Ponte Preta.

¹² UniFAJ, Centro Universitário de Jaguariúna.

¹³ Seleção Brasileira Sub-20.

¹⁴ Município do Estado de São Paulo.

para a faculdade, fazia o trajeto lá, só para ficar no Saad para ter uma ascensão no futebol, porque na época lá tinha Michael Jackson¹⁵, Marisa¹⁶, Tânia Maranhão¹⁷, Roseli¹⁸, Maikinho¹⁹, Daniela Alves, Formiga²⁰, Maravilha²¹...

S.R. - Só seleção...

T.P. - É onde você quer estar, né? [risos]. Eu tinha 19 anos e minha mãe falou: “Você tem certeza que você quer ficar aqui?” “Mãe, é aqui que eu vou crescer, é aqui que eu vou aprender o futebol”. Aí eu fiquei 2007, 2008 e 2009 que daí eu fui para a Marinha. Fiquei dois anos lá. Fui campeã da Copa do Brasil com elas em 2007, foi a primeira que teve, foi em Brasília a final, aí fui campeã com elas lá.

S.R. - Que show, Thessa. O Saad é uma referência para a gente porque foi um dos primeiros clubes que realmente investiu e ascendeu no cenário nacional.

T.P. - Esses dias eu até brinquei com a Duda²² que eu vi uma foto dela no Museu²³, que eu vi a Suzana²⁴ lateral-esquerda que era lá do Nordeste...

S.R. - A Suzaninha!

T.P. - Suzaninha! Eu falei: “Caraca!” Ela jogou comigo nessa época da Copa do Brasil lá. Assim o futebol feminino, desde o princípio, graças a Deus, eu consegui aprender muita coisa, desde as pioneiras até as que continuaram 2007, 2008, que estavam no Pan²⁵, estavam nas Olimpíadas, e conseguimos a prata. Então assim, para mim, se foi o melhor lugar, é o Saad. Pela história que tinha, pela história que eu aprendi com cada uma que estava ali, foi o ponto auge.

¹⁵ Mariléia dos Santos.

¹⁶ Marisa Pires Nogueira.

¹⁷ Tânia Maria Pereira Ribeiro.

¹⁸ Roseli de Belo.

¹⁹ Andréia dos Santos.

²⁰ Miraildes Maciel Mota.

²¹ Marlisa Wahlbrink.

²² Eduarda Marranghello Luizelli.

²³ Museu do Sport Club Internacional.

²⁴ Suzana Ferreira da Silva.

S.R. - Que legal! E depois da Marinha, como que se sucedeu?

T.P. - Depois da Marinha, eu sai de lá e eu falei: “Putz!” Porque você fica perdida depois que sai da Marinha, porque não tem tanta visibilidade no Rio de Janeiro. Aí você fala: “Putz, para onde eu vou?”. A gente jogou... Jogava o carioca pelo Vasco da Gama²⁶, mas era bem restrito. A gente jogou acho que duas vezes a Copa do Brasil, mas não era aquela coisa que “Ah, o Vasco!” Você fica exclusiva do futebol que é de São Paulo, que é visto. Aí eu fui para Foz do Iguaçu²⁷, jogar o Brasileiro²⁸, aí eu joguei e tal, a gente foi até as quartas, aí eu falei: “Não quero ficar longe de casa”. Fiquei no Rio de Janeiro, agora eu vim para o Paraná. Não, eu quero ficar próxima de casa, quero ir para São Paulo. [risos] “Para onde eu vou?” Aí a Rosana²⁹ estava no Centro Olímpico³⁰ e eu falei: “Rô, qual é desse técnico aí, ele é gente boa tal, porque eu vou entrar em contato com ele.” “Não, entra, entra sim!”. Aí entrei em contato com ele e falei: “Olha...” Eu sempre meti a cara assim, eu nunca tive vergonha de falar assim: “Se você não me conhece, vem me conhecer”, entendeu? Tipo, o futebol feminino, eu vejo hoje, as meninas achando que já jogam muito, entendeu? E assim: “Como que ele não me conhece?” Cara, não importa se ele não te conhece, se você consegue jogar bola, se você acha que você tem potencial, mostra. Ele vai te conhecer. Então assim, sempre tive isso comigo, se ele não me conhece, vai começar a conhecer. Se ele gostar, bem, se ele não gostar vamos para outro lugar. [risos] Então aí fui lá, conversei com o Arthur³¹ do Centro Olímpico e ele falou assim: “Não, fica aí com a gente!” Acabou que foi, fiquei até... Fiz 2013 inteiro e 2014 com eles.

S.R. - Em 2013 foi...

T.P. - Campeã brasileira. Eu fui campeã da primeira Copa do Brasil e do primeiro Campeonato Brasileiro. Consegui pegar os dois primeiros anos de tudo e fui campeã.

²⁵ Jogos Pan-Americanos.

²⁶ Club de Regatas Vasco da Gama.

²⁷ Município do Estado do Paraná.

²⁸ Campeonato Brasileiro de futebol.

²⁹ Rosana dos Santos Augusto.

³⁰ Associação Desportiva Centro Olímpico.

³¹ Arthur José Ribas Elias.

S.R. - Parabéns!

T.P. - Consegui o primeiro ano dos dois, de ser campeã nos dois primeiros anos assim...

S.R. - Que show, Thessa! Marcante, marco histórico!

T.P. - Para mim é.

S.R. - Para a modalidade também. E pós Centro Olímpico?

T.P. - Pós Centro Olímpico eu joguei Copa do Brasil pelo Rio Preto³² e eu tive a proposta de ir para o Santos³³. Aí, Santos, já tinha uma história monstruosa de antigamente, antes de fechar as portas, aí eu não tive dúvida para onde eu ia.

S.R. - Tu pegou esse retorno então do Santos. E como foi esse processo?

T.P. - Olha, lá dentro é meio tenso porque para você voltar até ter a estrutura que tinha antes, até ter o que eles tem hoje lá, foi devagarzinho, foi engatinhando de novo e foi se estruturando. No primeiro ano foi o time que a maioria já se conhecia, o próprio coordenador já conhecia os atletas então, foi puxando o que dava para montar no time. O próprio Caio³⁴ estava no masculino e voltou para o feminino, então, já não tinha mais a mesma visão que tinha quando trabalhava no feminino. Então as coisas foram se ajustando com os anos. No primeiro ano a gente chegou...A gente não chegou muito longe, acho que foi quartas de final também, não chegou em semifinal, não chegou em nada tão importante no primeiro ano. Mas já tinha voltado, a gente sabia que ia ser difícil porque, do nada, ninguém se conhecia, as meninas não tinham entrosamento e tal e foi: “Vamos lá!”. No segundo ano já foi mais redondinho, a gente já chegou na final do Paulista³⁵, então já deu um *up*, foi bem legal. Aí saí de lá esse ano e fui para o Audax³⁶. Aí eu joguei no Audax o

³² Rio Preto Esporte Clube.

³³ Santos Futebol Clube.

³⁴ Caio Couto.

³⁵ Campeonato Paulista de Futebol.

³⁶ Grêmio Osasco Audax.

Brasileiro e o Paulista e agora estou aqui no Internacional³⁷. Só camisa boa, você viu?
[risos]

S.R. - Já engatando assim, como é que se deu esse processo de vinda para o Inter?

T.P. - Rosana, mais uma vez na minha vida. [risos]

S.R. - Levou para o Centro Olímpico e trouxe para o Inter?

T.P. - É, eu acho que ela gostou, né? [risos] A gente indica aquelas pessoas que a gente confia. E quando ela falou: “Olha, vai ter o Campeonato Gaúcho, estou precisando de algumas jogadoras, posso te indicar?” A gente fica até lisonjeada porque você falar que está gostando do seu trabalho e confia em você, porque ninguém vai indicar ninguém que você não confia, então para mim foi... Abriu mais uma porta, porque não conhecia muita gente aqui do Sul, então para mim foi ótimo.

S.R. - Então assim Thessa, se tu pudesse relatar um momento marcante da tua carreira como jogadora, um ou mais, qual tu escolheria assim? Um, dois, três, enfim. Já falou sobre um clube, mas um momento, assim, especial.

T.P. - É, eu acho que o primeiro treino com a Formiga.

S.R. - Sério?

T.P. - Sério! Ela não tem noção de como eu olhava ela treinando. [risos] Juro! Eu ficava assim: “*Caraaaaca*, ela corre demais, ela bate na bola assim!” Eu tinha 19 para 20 anos, vi a Formiga de anos já jogando bola, que ela nova já estava em uma Seleção Brasileira. Meu pai, quando eu tinha 10 anos, 11 anos, em 1997, ele me cutucava: “Está passando jogo feminino, não sei o que, vem assistir comigo.” Então eu já acompanhava, aí quando eu a vi, do lado assim, ela tocando bola para mim, a gente brincando antes do treino, vendo uma postura que ela tinha para treinar, a postura, aquilo foi um momento marcante para mim. Eu acho que era aquele “o ídolo e o fã” junto, sabe? [risos].

³⁷ Sport Clube Internacional.

S.R. - Que legal, não é?

T.P. - É, foi um momento bem marcante. Acho que esse é um dos... Ao ser campeã militar em 2010 na França também foi muito marcante, porque foi o primeiro. O do Brasil foi mais ainda porque a gente estava aqui no Brasil, a gente foi invicta e a família inteira na arquibancada dentro da... A gente estava no campo do Vasco, São Januário³⁸, então assim, lotado, foi emocionante para mim também. Acho que quando você ganha, tudo é emoção, não tem como. Eu vou falar para você: o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil, mas esse ano para mim está sendo um ano muito, muito, muito bom. Eu tive alguns problemas pessoais no ano passado, e eu tive algumas lesões recorrentes ao psicológico. Eu tive uma lesão de púbis, eu tive lesão muscular, eu tive várias coisas. E eu já não joguei no ano passado no Santos e eu queria que esse ano fosse diferente. Então o meu processo de outubro do ano passado, até hoje assim, para mim foi muito marcante. Porque eu vi uma melhora que eu estava buscando, sabe? Quando você volta a ser aquela que você queria, então eu acho que esse ano está sendo bem marcante para mim, bem marcante.

S.R. - Tu já sofreu alguma dificuldade por ser mulher e jogar futebol?

T.P. - Não. Graças a Deus.

S.R. - Nunca sofreu nenhum tipo de preconceito?

T.P. - Não. Eu graças a Deus... Acho que porque meu irmão, meu pai, as pessoas que eu convivia muito, sempre gostaram de jogar comigo, de estar presente nisso, entendeu? Então eu via mais o preconceito para a modalidade, do que diretamente para mim, tipo eu: “Ah, porque você joga futebol?” ou “Ah, isso não é para você.” Tipo, eu nunca tive isso diretamente, mas eu, óbvio, que para a modalidade a gente sabia que nunca foi bem visto, então, até a gente conseguir o nosso espaço que hoje graças a Deus já está muito melhor, eu via mais para a modalidade do que diretamente para mim. Porque toda vez que eu falava que eu jogo futebol: “Nossa, que legal, você joga futebol!” Então assim, como que para mim é: “Que legal!” E para a modalidade: “Mas mulher está jogando futebol?”

S.R. - Tu teve alguma outra ocupação profissional, sem ser jogar futebol?

T.P. - Não. Só *hobbies* assim, futebol nunca deu muito dinheiro, não é? Então o *hobbie*... Tipo, no final de ano, estou precisando de uma graninha extra e vou fazer recepção de formatura, vou aplicar prova em algum lugar. Minha mãe sempre foi secretária de escola, essas coisas, então eu sempre estava no meio de alguns vestibulares ajudando a aplicar prova. Então assim, só para uma grana extra, nunca foi para eu trabalhar mesmo e para largar o futebol. Não.

S.R. - Tu sempre conseguiu te sustentar só jogando futebol?

T.P. - Graças a Deus.

S.R. - Coisa boa.

T.P. - Graças a Deus [risos]. Coisa rara.

S.R. - É, coisa rara!

T.P. - Principalmente quando você não tem uma passagem pela Seleção Brasileira, eu acho que é bem difícil...

S.R. - Limita, não é?

T.P. - Isso. E eu acho que tive muita sorte, eu acho que fiz escolhas boas dos clubes, então eu acho que eu também errei bastante em não ter saído. Tive propostas para sair para os Estados Unidos, para a Espanha e acabei não saindo.

S.R. - E porque tu não foi?

³⁸ Estádio do Club de Regatas Vasco da Gama.

T.P. - Família. Família sempre... Era sempre nos momentos que eu não queria ficar longe da família, então... Se fosse hoje, eu acho que iria, mas naquela época... Eu sou muito apegada, tipo, eu não consigo ficar muito tempo longe da minha mãe, dos meus irmãos, então... Eu moro em São Paulo, mas todo o final de semana eu estou na minha casa, entendeu? Se eu pudesse, eu estaria agora aqui do Sul eu estaria todo o final de semana em casa. Eu falo de manhã, de tarde e de noite com a minha mãe.

S.R. - Bateu a saudade já.

T.P. - É, eu sou muito apegada, muito, muito.

S.R. - Então assim, já partindo para o final, se tu pudesse definir assim, um objeto que retratasse toda a tua trajetória como jogadora, um objeto pessoal, pode ser um, pode ser dois, se eu te dissesse assim: “Thessa, eu vou fazer uma exposição e eu quero colocar um cantinho teu ali no museu, o que tu me daria?”

T.P. - Caramba, no meu cantinho?!

S.R. - O que representa a Thessa? Um objeto.

T.P. - Nossa, bem difícil. Não sei, porque eu sou tão desapegada a essas coisas assim. Sou muito desapegada. [riso]

S.R. - Uma camiseta...

T.P. - Acho que seria algumas medalhas que eu tenho que representaram a minha carreira assim. A primeira medalha na cidade de revelação, a primeira medalha de ouro que eu tive com o mirinzinho, e até chegar, vamos supor, no mundial.

S.R. - Sim... As medalhas tu guarda pelo menos?

T.P. - Todas. Todas. Todas. As medalhas... Tem um cantinho das medalhas que não tem como... Elas são, acho, que o meu xodozinho, elas ficam em um baú meu, fechadinho, bonitinhas, arrumadinhas. É, eu acho que seriam as medalhas.

S.R. - Tem alguma outra coisa que eu não te perguntei, que tu queira falar, tu acha que a gente conseguiu pegar tudo assim?

T.P. - Eu acho que da minha história, só não falei que eu passei pelo Guarani³⁹.

S.R. - Por favor. Em que época foi, como foi?

T.P. - Eu estava jogando em Jundiaí ainda, e tinha uma parceria com o Guarani, porque o Fernando⁴⁰, que era o técnico na época, ele tinha vínculo com faculdades dos Estados Unidos, e ele pegava algumas meninas da região para levar lá para o Guarani, para formar e levar para os Estados Unidos. E eu 12 anos, 13 e a gente já tinha um vínculo de toda vez que ia ter um campeonato na categoria, eu era emprestada, e com 14 anos, eu disputei um campeonato que se chamava Campeonato da Esperança⁴¹, que foi feito pelos Jogos da Esperança do Didi⁴². Ele fez, aí teve o Regional, teve o Estadual, e teve o Brasileiro. Foi a primeira vez que eu sai do estado de São Paulo para jogar. A gente jogou um Brasileiro, eu tinha 14 anos, era infantil na época, aí eu fui disputar um campeonato no Rio de Janeiro, acho que foi aí que eu fiquei nessa de Jundiaí, Guarani, por muitos anos. Até que eu fui chamada para ir para os Estados Unidos e foi uma das escolhas de não ir.

S.R. - Mais um clube então nessa tua trajetória.

T.P. - Mais um.

S.R. - Tem clube aí, hein? [risos]

T.P. - Pulei de galho em galho, não é?

³⁹ Guarani Futebol Clube.

⁴⁰ Fernando Pereira da Silva.

⁴¹ Jogos do Criança Esperança.

⁴² Antônio Renato Aragão.

S.R. - Sim! [riso]

T.P. - Faz parte. Mas eu nunca fiquei menos, tipo, os que eu fiquei menos tempo, acho que foi o Foz⁴³, que eu fiquei um campeonato, e o Rio Preto, que eu fiquei um campeonato. Agora os outros clubes, eu fiquei sempre mais de dois anos, ou até dois anos eu passei no clube, então assim, eu tinha... Eu sabia para onde eu queria ir ou que eu queria fazer. As escolhas era de ficar ou de sair, entendeu?

S.R. - Algo mais?

T.P. - Da minha história eu acho que, da minha história foi isso. Estou até pensando aqui se tem alguma coisa. Falei bastante, não é [risos]

S.R. - Foi muito bom. Obrigada, outra vez!

T.P. - Eu que agradeço a oportunidade de falar sobre minha história. Diga para a Silvana⁴⁴ que esse projeto é muito importante e que eu valorizo muito o que ela faz por nós, jogadoras.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴³ Foz Cataratas Futebol Clube.

⁴⁴ Silvana Vilodre Goellner.